PROPRIETARIA EEDITORA: Empreza do PÃO NOSSO ...
COMPOSTO E IMPRESSO NA TYP. MENDONÇA—PICARIA, 30—PORTO

Pão Nosso...

Porto, 20 de Julho de 1910. N.º 14

SUMARIO:

TRES CARTAS:
I — AO SR. CONSELHEIRO JOSÉ D'ALPOIM.
II — AO SR. CONSELHEIRO ADOLFO PIMENTEL.
III — AO SR. JUIZ SANTOS RODRIGUES.
IV — UMA PERGUNTA Á EXCELENTISSIMA.

Tres cartas

ADVERTENCIA

Manhã alegre de domingo... Para fóra das janelas do meu quarto, no pino do arvoredo, ramalha a passarinhada. Sol claro e forte, grumos de nevoas pelo ar. Na extrema ourela do ceo, como farfalhudas esponjas cinzentas, dormem escamas de nuvens. Cantam as cigarras, ao largo a toada dum sino geme um repique perdido.

Debrucei-me sobre o tinteiro, pareceu-me um oceano negro... imovel... sem fundo... Olhei a alvura das tiras do papel, e aborreci a sua virgindade suspeita.

Deitei a vista pelos campos; apetecia tascar na hervagem, ou vadiar como cachorro sem dono, sentindo o calôr tostar o espinhaço.

Enfiei o chapeo, galgo as escadas...

— Eh! rapaz! P'ra onde vaes? Não escreves hoje?

— Nada! Vou pastar ideias.

E desgarrei da cidade.

.....

No regresso. Vinha embreado de verde, olhar turvo de verdura, puas de tojo e farpas de cardo picando a roupa.

— Eh! rapaz! Correu farta a ceifa?

— Pudera! Trago uma ideia... d'outrem. A intenção de cometer um plagio. Deu-me o sestro da imitação, como as maleitas me podiam dar. Deve ser dos mordiscos do sol. E pois que ninguem foge á sua sorte, haja paciencia quem ler.

*

* *

Ao sr. Conselheiro José d'Alpoim

Prestito funebre de 2:000 eleitores. — A's azas do caixão, os srs. Lima Junior, José d'Alpoim, Teixeira de Souza, e D. Manuel II.

Na politica, os homens são vehiculos de planos varios: a esses planos, mais do que ás virtudes privadas, atende a Historia. Quando ella encontra um santo, como Passos, abençoa-o; quando encontra um forte, como Cabral, admira-o; quando encontra um habil, como Rodrigo, aplaude-o. Na arte de governar os homens, a força e a habilidade valeram, e valerão sempre mais que a virtude.

Oliveira Martins — *Portugal Contemporaneo.*

Ex.mo Sr.:

Que lhe parece, a V. Ex.ª, esse brocardo da imoral filosofia do sucesso?

Mas... perdão. Abruptamente não devo lanhar o cerne ao assunto. Antes do roçar dos floretes, a gratidão — trambolho

impolitico — me leva a retribuir em letra de molde as referencias além de lisonjeiras, espontaneas, com que V. Ex.ª em publico honrou estes magros panfletos. Quanto ellas valiam as estimei, por virem de adversario nunca por mim poupado, e por desinteressadas serem, pois nem V. Ex.ª me desejava comprar a barato d'elogios, nem sou montada d'aluguer. E não lance V. Ex.ª á conta de fuscas ironias a singeleza do que fica escrito.

Porém, rondaram os ventos. Morreu a temporada bucolica em que o partido de V. Ex.ª dardava aos republicanos braçadas de alecrim a que só poderia retorquir-se com vasinhos de mangericão. Agora se me afigura que abriu o periodo dos adjetivos azedos, sem arrôbe a confeiçoá-los. Aposto em como V. Ex.ª já paladeou teriaga.

Outro ponto os dois assentemos. Estipulava o codigo poeirento dos polemistas, a seguinte inalteravel regra: — «E' primeiro dever d'aquelle que não está d'acordo com outrem, — chamá-lo assassino e ladrão».

Pois enterremos a maxima. Tem mais ranço e vicio que um acórdam do Supremo Tribunal de Justiça.

*

* *

Precisamente dum acórdam do Supremo Tribunal se trata, e por tal seja esta carta motivada. Aquella sentença que, sem gastos de cerimonial juridico, expulsou do recenseamento eleitoral do Porto, obra de 2.000 cidadãos, presumidos da gafeira jacobina.

Quem obteve a sentença? O sr. Lima Junior, chefe dos dissidentes nesta cidade. E alcançou-a por intermedio de V. Ex.ª, mais do sr. Teixeira de Souza, — cabide onde V. Ex.ª pendura planos — mais de Sua Majestade o Senhor Dom Manuel II que Deus guarde assim como Deus me guarde delle.

— Já desmenti a atoarda! — V. Ex.ª exclama. Está visto! Mas dobremos juntos uma pagina destes opusculos, com ella ocultemos a cara e riamos. Ri V. Ex.ª, rio-me eu... talvez fiquem serios os espectadores.

Os desmentidos entram na bagagem dos homens publicos, como as fardas de gala, as gran-cruzes, e as presilhas dos espadins. Vestem-se nas ocasiões solenes, arroxam os toucinhos nos encontros, trajam-se por penitencia. E que outro remedio queda... senão aturá-las?

Acabada a mostra oficial, despem-se, sepultam-se carinhosamente na arca, chanta-se-lhe no em meio das dobras a tradicional maçã camoeza, e ao apertar do perigo, depois de tres sacudidelas, espanejam-se á vista dos beócios.

O desmentido de V. Ex.ª pertence a esse ramo de indumentaria politica. E' um numero do guarda roupa d'estadista. Objeto indispensavel, como o artigo que o *Primeiro de Janeiro* escreveu no respeitante ao caso. Com esta diferença: O desmentido de V. Ex.ª era uma negativa rodando em bisagras lassas. O arrasoado do *Janeiro*, — uma fuga. V. Ex.ª falava por obrigação; o *Janeiro* por calculo. Por isso mesmo houve cuidados, no importante diario do norte, de mergulhar a pena em agua de malvas, esborratando sobre papel pardo.

Sigamos.

Enveredou, pois, até Lisbôa, o sr. Lima Junior. A' porta de V. Ex.ª batucou e expôz: — «O partido republicano do Porto conta mais eleitores do que qualquer outro partido monarquico. Aliadas todas as fações dinasticas, dificilmente o batem nas urnas. Se mais 2:000 eleitores entram no recenseamento, não ha forma de vencer. Nas mãos do Supremo Tribunal está a eleição naquella cidade.»

Que respondeu V. Ex.ª? Não sei, nem importa. Com certeza que lhe não replicou: — «O' Lima, V. está rijo e féro. Cada vez mais novo. Adeusinho».

Sabemos, sim, que o sr. Lima Junior desaguou no gabinete do sr. Teixeira de Souza. Sabemos, sim, que depois se dirigiu ao Rei. Sabemos, sim, que do Paço, apoz a audiencia, foram dadas ordens ao Supremo Tribunal. E finalmente soubemos que os venerandos unharam os 2:000 como carne pôdre.

Que nos interessa a nós, e que importa a V. Ex.ª, haver-se confiado o carreto ao sr. Eduardo Coelho? Eduardo, homem po-

litico, tem biografia e nome de batismo. Coelho, juiz do Supremo, é um frasco vasio. Comporta o liquido que no bojo lhe vasarem. Entregaram-lhe a mala, como a podiam abandonar ao primeiro continuo da casa.

Quem mandou?—O Rei!

Quem aconselhou, guiou e apadrinhou o solicitante? —Teixeira de Souza e V. Ex.ª!

Quem foi o requerente?—O sr. Lima Junior, substituto de V. Ex.ª nesta terra.

*

* *

Ora o sr. Lima Junior é, no Porto, um representativo. Caricatura açafroada de José Passos, quando o seu vulto d'espaduas quadradas, tronco macisso de castanho são, suiça arrancada á casa dos vinte-e-quatro, risca de sombra os alguergues miudinhos da Praça Nova, um rebôlo d'orgulho alarga as papeiras do comercio tripeiro.

O sr. Lima Junior não suporta paralelos com gente da craveira do sr. Adolfo Pimentel. Tanto valia comparar uma janela rasgada a uma parede mestra. Aquelle é responsavel pelo que faz, este nem pelo que diz.

Antes do rotativismo funcionar como sistema governativo, implantara-o o sr. Lima Junior na nossa Camara Municipal. E quando V. Ex.ª arredando-se de José Luciano, estreitamente assediava a cidadela rotativa, sustentando as tendencias democraticas; quando V. Ex.ª em Lisbôa e Coimbra provocava comicios com a devida venia do partido republicano, no Porto proseguia o sr. Lima Junior nos velhos processos batendo-se contra a democracia citadina.

Quer o sr. Lima Junior voltar á vereação? Está no seu direito. E' ambição legitima de todo o municipe. Porém ao fazer com que se rapinem os direitos politicos a 2:000 cidadãos, o sr. Lima Junior só nos confirma no principio de que são imerecidas as distinções entre os monarquicos.

Galeando tafularias de linguagem, V. Ex.ª escreveu e disse,

diz e escreve, que tem alma e punho de avergoar a chicote as faces dos reacionarios que lhe disfibram a reputação e os creditos: Que a intervenção do rei na vida dos partidos é o suicidio da monarquia: Que a tentativa d'esmagar a democracia iguala a façanha dos celtas, desnudando as espadas e acutilando as aguas do mar quando os vagalhões da maré cheia ululavam pela terra dentro: Que o engrandecimento do poder pessoal do rei conduz ás tardes tragicas em que a Justiça irrompe, como um vulcão de sangue e de morte, da bôca das carabinas anonimas.

E eis que o seu logar-tenente toma as correias do chicote e transforma-as em gavinhas de videira para abraços aos reacionarios; corrompe-lhe o suco da sua tempestuosa oratoria; séla as alianças que V. Ex.ª detesta; comete os actos que V. Ex.ª fustiga; arrebata o programa democratico e delle faz um supositorio para as regias hemorroidas!

Para que ordena, pois, V. Ex.ª, que se mordam com ventosas os lombos esfolados de Eduardo Coelho? Deixa-lhe a espinha á ventura e sem forças de carregar o bahu do sr. Lima Junior.

Diga-me V. Ex.ª que juizo nos ha-de merecer um partido assim? Onde a confiança, onde a fé em promessas, onde a segurança em compromissos?

Não pintalgo de mais interrogações estas laudas. Que farte V. Ex.ª sabe, por ser do oficio, que com esse tema me sobravam variações de muita galhardia e batuque, a extender por laudas e laudas.

Não as emprégo, nem sequer para comentario aos periodos d'Oliveira Martins que no cabeçalho desta extratei — palavras justificando todas as apostasias triunfantes.

De V. Ex.ª, At.º V.or Obg.º

P. C.

P. S. Nas linhas acima onde pergunto «que juizo nos ha-de merecer um partido assim» — ha engano. Queria dizer: — Que juizo faz V. Ex.ª de quem tal coisa lhe pergunta?

Ao sr. Conselheiro Adolfo Pimentel

Um solido cachaço. — Vocação errada. — Uma desgraça frequente. — O vomito oratorio.

Conselheiro:

V. Ex.ª deve ter-se dado a pêrros, com a matinada do *Diario da Tarde*. Ao fechar do dia, entre o cão e o lobo, escuta V. Ex.ª os flautins dos jornalistas da rua: — Olha ó *Diário...*, *Diário da Tarde...* E trinam os *áá* como tenores de rópia.

Merca V. Ex.ª a sua dóse de veneno, e resmunga: «Bólas! Não estava bom da cabeça naquella noite!»

Com os nervos mais doridos do que se ouvisse lima inhabil afiando os dentes dum ferrugento serrote, V. Ex.ª lê o apêlo ao juiz d'instrução para que o obrigue a declarar «quem armou o braço do Buissa» pessoas que V. Ex.ª fanfarreou de conhecer.

E V. Ex.ª não teve culpa do que disse. Está inocente como vitelinha de mez. A ver se o provo.

*

* *

Conheci V. Ex.ª ha bons seis annos, no agudo da grève geral nesta cidade, pejando V. Ex.ª o cargo de governador civil. Eram tempos dificeis. Procissões ameaçadoras d'operarios, as caldeiras das fabricas sem fôgo, negociações rotas com o patronato... Munido de carta de prégo, por Coimbra estanceava o general Alberto d'Oliveira, trazendo ordens de proclamar a suspensão de garantias, e no Douro um vaso de guerra enceleirava no porão cento e tantos presos.

Foi nessas agruras que V. Ex.ª convidou a imprensa do

Porto para uma conferencia no governo civil. Lá arribei, de tropel com outros colegas.

Presentes em circulo, V. Ex.ª desatrema a falar.... a falar... rasgando mantos de seda e chabraques de veludo ao jornalismo. E depois desgravidou-se de conceitos gordos de economia politica, féveras de João Batista Say, pingue de Bastiat.

Emquanto V. Ex.ª abanava a contrapêlo os sovados economistas, eu admirava-o. Essa fronte de marmore, marmore de lavatorio e mesinha de cabeceira, dentada das bossas do genio, essa corporatura em esquadria de presuntos firmes, esses pulsos enógados com felpo hirsuto a negrejar...

«Não. Este homem nasceu para lavrador. Estou a vê-lo alongado na relva do pomar, com sua almofia de salada á beira, seu alguidar d'azeitonas e trutas, um pão de milho amarelo como o oiro, e o pichel d'estanho em que o verde espuma brejeirices. Mesmo na altura em que V. Ex.ª caluniava a escola fisiocrata, vi-o — clara, distintamente — virar a almofia, o alguidar e o pichel na pá do buxo.

«Cresceu um quarto da brôa doirada que V. Ex.ª esfarelou ás migalhas por um bando de galinhas de raça, atabafadas d'enxundia.»

Depois, V. Ex.ª citou latim. Não recordo se era a arte do Pereira, se o Cornelio Nepos.

«Não. Este homem nasceu para prior. Um dom prior campesino, pachorrento, mansarrão, com seu pecadinho amoroso no agraço da mocidade, e muita benção aos parreiraes em flôr. Recitaria os sermões colhidos num sermonario estroncado, diria ás cachopas que se derrengam dos quadris umas graças sem tenção de carnalidade, e ao lume do serão catava o consultorio enciclopedico da *Gazeta das Aldeias*.»

Foi então, foi então que V. Ex.ª de salto me despertou do meu devanear, com uma punhada ao razo do estomago. V. Ex.ª concluia assim o seu discurso:

— «Pois não sei o que hei-de fazer, não sei! Mandei-os chamar para ver se os senhores propoem algum alvitre. Cá a mim nada me ocorre. Vejam os senhores.»

Enclavinhou as mãos no craneo polido, á semelhança dos monos que se afogam, em seguida espalmou-as no mogno da escrevaninha com o gesto desoladô dos profetas sobre as ruinas da sua Babilonia cerebral.

*

* *

Coisa igual ha-de ter acontecido a V. Ex.ª na reunião henriquista de que o *Diario da Tarde* se não despega.

Nós conhecemos a desgraça, Ex.mo Snr! Antes os transes duma soltura de ventre no meio da quadrilha d'honra em baile da côrte!

Colocam o paciente num cadafalso de ripas, agrupam-lhe em redor centenares d'ouvintes, e, de sopapo, mandam-lhe que fale.

V. Ex.ª ergueu-se. Alargou o braço num ademan rotundo, e entreabriu os beiços. Tinha a lingua pronta, mas lá dentro não encontrou coisa de geito para carguejar até ao publico.

Perlou-lhe um suorsito nas temporas. V. Ex.ª entalou o braço esquerdo na cava do colete, e empunhou o copo d'agua. Sorveu um golo. Soube-lhe a citrato de magnesia.

Fitou o auditorio. Os pares d'olhos que o cravavam na tribuna, pintaram-se-lhe buracos no fundo dos quaes ardiam carvões. Já nas cantoneiras das bôcas borboleteavam esgares de má morte, chocarrices dessalgadas, hipoteses safardanas. V. Ex.ª vascolejou a cabeça. Mesmo sob o cucuruto badalejava um carrilhão. No silencio zumbia-lhe aos ouvidos a rutura das cataratas do ceo.

Tinha frouxos no intestino cego, um kilo de chumbo a pesar-lhe na bexiga.

Uma voz do lado bichanou surrateiramente: — «Conselheiro! Sacuda as moscas!»

V. Ex.ª num esforço de memoria capaz de matar um boi como o arrebentava um sôco do mosqueteiro Porthos, varreu todos os escaninhos do pensamento, desceu com o cascabulho, as

teias d'aranha, os monticulos de serrim até ao estomago, deu um galão, e aliviou-se. Saiu aquillo dos «que armaram o braço do Buissa» como podería ter-lhe saido a sôpa do jantar.

V. Ex.ª não teve culpa. Quando a natureza obra, o homem acocora-se submisso. Foi um solavanco indomavel, um vomito verde.

Logo o aplaudiram. E' que o nosso povo, bondoso e caritativo, não gosta de ver ninguem morrer duma embolia. Na outra manhã, V. Ex.ª se não entrelembrava já da sua grande frase. Estava acamado, a caldos leves, e fatias de tosta azeda.

Trouxeram-lhe as folhas, e V. Ex.ª a todo o comprimento da leitura, ruminava: — «Que demonio de parvoiçada! Eu sei lá patavina do regicidio, ou de economia politica, ou de latim! Esta cabeça... sempre com os trastes desarrumados! Então o regicidio é coisa que se encomende como quem encomenda um par de botas? Ora, sebo!»

Calma, conselheiro, calma. O *Diario da Tarde* não lhe quer mal, nem o deseja pôr a tratos no juizo d'instrucção. Jamais o conselheiro fez provisão d'agudezas, e por isso á letra interpreta aquilo que deletreia. Mesmo sempre que um amigo, só para lhe dar um alegrão, se dirige á redação duma folha e solicita que lhe insiram esta nota:

— «Consta que vae ser nomeado par do reino o snr. Adolfo Pimentel» V. Ex.ª acredita. Acredita, a ponto de qualquer dia dar um desgosto... aos seus herdeiros.

Perceba V. Ex.ª que o malicioso *Diario* emprega aquella maneira decente de lhe deitar cevada ao rabo.

Basbaque do seu talento

P. C.

*

* *

Ao juiz Santos Rodrigues

Um vigia dos defuntos.—Considerandos a imitar.—Debates provaveis e futuros.—Juizo final.

Sr. Juiz:

Creia V. S.ª que não tenho queda para admirações ruidosas. Mas o outro dia, no julgamento do *Mundo*, V. S.ª deixou-me destemperado. Quiz o dr. Alexandre Braga, o mais perfeito e audaz dos nossos oradores, referir-se a um rei falecido, e V. S.ª cortou-lhe a palavra: — Não permito... porque está morto. Se elle ousara aludir ao sr. D. Manuel, V. S.ª tal não consentia... por estar vivo. Tentou apreciar uma lei, e V. S.ª embargou-o não sei se por a pobrezinha se haver finado, se por achar-se ainda franduna e durazia.

E parece que tudo isso se encontra na Novissima Reforma Judiciaria, dona frescalhota posto que entrada nos annos, que a gente encontra a deshoras pelas esquinas.

Salta-se até Viseu. Outra senhoria de chimarra negra proibiu a um advogado discutir no tribunal a Companhia de Loiola.

Motivo? O respeito devido ás saias.

E por essas transcendentes razões França Borges apanhou cadeia, *item* Meira e Souza, *item* Artur Leitão, homiziado em terras d'Espanha.

*

* *

Serve a França, a desproposito de tudo, para comparações á nossa imprensa dinastica. Ora sigamos-lhe a piugada. Ahi por 1868, o segundo Imperio defendia-se, como por cá se diz agora do regimen.

Pelo mez de novembro, os jornalistas Gustave Naquet do *Peuple de Marseille*, Delescluse do *Réveil*, Mazure do *Progrès du Nord*, acabavam de rifar nos tribunaes, respetivamente, seis,

tres, e um mez de prisão, com sua multa puxadinha para alegrar a paisagem. Dera causa á condenação haverem aberto nos jornaes que redigiam, subscrições publicas para o monumento ao deputado Baudin, morto nas barricadas.

Refugiado em Bruxelas e fugido á cadeia, Rochefort, em face da sarrabulhada judiciaria francêsa, estampava na *Lanterne*, os seguintes modêlos de sentenças, que á magistratura oferecia:

—«Considerando que Béchamel aderiu na sua gazeta á subscrição Baudin, mas que é loiro d'olhos pardo-ardozia;

«Considerando que Billancourt abriu por igual as suas colunas á dita subscrição, mas que seus cabelos e bigode já puxam á côr do chinchilha,

«Condena o primeiro a cem francos de multa, sem custas, e o segundo a tres mezes de prisão, vinte mil francos de multa, e á perda dos seus direitos politicos por setenta e cinco annos.»

Ao numero seguinte do dissolvente panfleto, outro exemplo mais sobrio inseria:

—«Atendendo a que o Imperador tremelica dentro dos calções,

O tribunal condena o acusado a dois annos de prisão, etc., etc.»

Porém nas barulhentas e escandalosas audiencias, esses juizes a quem Rochefort prometia tumulos construidos de materia fecal, não atalharam com abafadores as violentas, agressivas, e ferozes defezas dos advogados republicanos que se chamavam Gambetta, Emmanuel Arago, Crémieux—os futuros ministros, governantes e fundadores da Republica atual.

*

* *

Aos fedelhos das escolas primarias, de cueiros ainda humidos, o professor, pago pelo Estado e com a sanção oficial dos programas, pode discorrer sobre a conspiração episcopal que derrubou Sancho II, ou acêrca das tres Leonores de D. Fernando I, ou do virginal processo da *Virgem das Neves*, mulher ho-

noraria de Afonso IV e comborça efectiva do cunhado, ou dos penicos de prata da madre Paula, ou das panoplias de galhos de veado onde João VI dependurava a corôa real.

Na presença de V. S.ª taes assuntos são interditos. A béca constitue-o guarda da *morgue* das dinastias.

Quando Alexandre Braga trouxe Caligula á arreata, V. S.ª lembrou-se que esse Cesar nomeara consul o seu cavalo, e como o consulado era uma magistratura, declarou inviolaveis as cavalariças imperiaes.

Ora um advogado com cabeça, não pode falar sem dizer alguma coisa. V. S.ª prescreve que a missão do defensor consiste em anediar as prégas da garnacha de seda, e começar:

ADVOGADO—Ilustre presidente: E' sabido que as chuvas recentes se prejudicaram os milhos, favoreceram a pecuaria. Para as bandas das montanhas de Barroso, uma vaca dum clerigo deu á luz um bezerro de duas cabeças.

JUIZ—Previno o preclaro defensor, por quem sinto ternuras de admiração, que não deve acarretar para o fôro a questão religiosa. Convem portanto não bulir com os clerigos donos de vacas, e mais bestas cornigeras. Sei ainda por oficio da prestimosa Liga Monarquica que o bezerro faleceu sem soltar palavra, e por conseguinte paz á sua alma. Cá está: Novissima Reforma Judiciaria, capitulo das vacarias canonicas.

ADVOGADO—Uma vez que de visita ás alturas de Barroso, fr. Bartolomeu dos Martires...

JUIZ. — Ahi! Ahi! Carregue, carregue. E' um franciscano de Montariol, um desavergonhado. Cá está: Novissima Reforma Judiciaria, capitulo dos franciscos.

ADVOGADO. — Nada, não. Arcebispo de Braga é que é.

JUIZ — Então pare lá o distinto advogado, que me merece toda a consideração. Não discutamos, aqui dentro, os actos do poder executivo. Lá tem o parlamento para tratar da portaria. Cá está: Novissima Reforma Judiciaria, capitulo das portas.

Talvez V. S.ª imagine que estou exagerando. Pois não. Estou-me beliscando para gracejar sobre o que chiste não tem. Estou avaliando o faciosismo com que V. S.ª amanhã expreme-

ria os seus consocios da Liga, se a republica lhe deixasse ficar a béca aos hombros. Seria um Gargantua. Almoçava um padre, jantava um cardeal, e ceava uma recua de frades.

* * *

Com tão aberto apetite e tal soma de sciencia juridica, retidão e desempeno, V. S.ª vae longe. Merece a presidencia do Supremo, ou a pasta da justiça. A fobia da letra redonda é boa nota na fôlha de serviços.

Comenta-se na universidade de Tomboctu, a sua jurisprudencia. Um monumento do direito, como as sentenças do juiz Bridoie, creação soberba de Rabelais.

V. S.ª ha-de finar-se velho, no socego duma vida prenhe d'ações memoraveis. E á hora ultima, quando vão delidas as miserias e adversidades, glorias e prazeres, ha-de o seu confessor perguntar-lhe que juizo forma sobre a sua vida passada de julgador dos seus similhantes.

No quinto acto do *Casamento do Figaro*, o Conde d'Almaviva tambem interroga o juiz Brid'oison acêrca do que elle pensa sobre todo aquelle ingenuo *imbroglio*. O magistrado, que tartamudeava nas falas, gaguejou:

— «Palavra d'honra; cá por mim, não sei que responder: E eis ahi a minha maneira de pensar.»

No quinto acto da sua existencia, V. S.ª retorquirá ao seu confessor:

— «O que penso? não penso nada. Era assim que eu pensava ao redigir as sentenças.»

De V. S.ª, pouco At.º e menos V.or

P. C.

Uma pergunta á Excelentissima

Já dobaram mezes, e fartos que elles foram, que uma comissão de municipes solicitou da Camara Municipal do Porto, que a uma das ruas da cidade fosse dado o nome de Francisco Ferrer. Em sessão publica se remeteu o caso á 3.ª repartição para informar. E até á data, nem informe, nem resolução camararia!

Outros municipios do paiz, Lisboa entre elles, resolveram, sem necessidade de requerimentos de seus vizinhos, conforme os desejos dos municipes do Porto. Só a 3.ª repartição, que deve andar derreada com as obras de Sá da Bandeira, não teve uma hora para lançar o perigoso informe.

No parlamento espanhol, o notavel criminalista Rafael Salillas referiu que na Alemanha, em França, na Italia, na Suisa, encontrara centenas de ruas com o nome que traz a 3.ª repartição com tenesmo insofrido. Só a 3.ª repartição não deita o parecer a lume, apesar do presidente da camara ser lente da cadeira de partos.

Mas a auditoria tem anulado as deliberações favoraveis das outras camaras! — opor-se-á.

E então? Anula mais uma. O que se pretende da Camara é uma afirmação de principios, um acto. Quer-se saber se o clericalismo, ali sustentado ás escancaras no congresso municipalista pelo sr. Candido de Pinho, é quem governa de portas adentro, ou se as doutrinas que se afirmam nos comicios são bôas apenas para uso eleitoral.

O expediente do enterro na 3.ª repartição, ou condena os burocratas, ou condena a vereação.

Quer-se ver em publico quaes os votos que a reação ali conta, e os votos que do nosso lado contamos. Ou a Excelentissima que teve coragem de perder tantas questões, não tem a de perder mais uma?

*
* *

Não se acovardou o sr. Candido de Pinho de apresentar no citado congresso uma conclusão de carater tão reacionario e clerical, que com ella ofendia crenças de grande numero dos congressistas. E aliaz, tanto se relacionava com a *assistencia infantil* como o sr. Candido de Pinho, hodierno papa-hostias, se assimelha ao Candido de Pinho d'outrora, positivista e livre pensador.

Em sessão plenaria ergueram-se contraditores. Então, ao aproximar-se a tempestade, o sr. Pinho com larga e refletida pausa, volve-se e acentua:

—Retiro a conclusão para não erguer atritos. Tão só era meu intento aqui praticar um acto solene.

Nem se guardara de melindrar os hospedes, nem se iludira crendo ganhar um triunfo. Apenas as sacristias lhe haviam mandado fazer, em logar improprio, uma profissão, e logo elle cumprira o preceito da obediencia.

Ora a Excelentissima Camara tem de proferir o seu despacho, no requerimento a proposito da rua Ferrer. Vamos á destrinça. Haja corajem como o sr. Pinho a houve.